

Entrevista

Pedro Lains

“Privatizar a Caixa para reduzir a dívida pública é alimentar o vício”



Privatizar a CGD por causa das dificuldades financeiras do País é “uma gota de água num oceano”, alerta o historiador económico que acaba de publicar o volume da “História da Caixa Geral de Depósitos” que analisa o período pós-25 de Abril até 2010. Pedro Lains, tal como os antigos presidentes da CGD, é contra a venda do banco. “Muito mais importante” é “criar uma instituição intermédia entre o Governo e a administração”, que resolva o problema da intervenção do Estado na Caixa. Um problema que se tem agravado. “Os anos de José Sócrates foram um pouco mais interventivos do que no passado”, conclui o economista.

MARIA JOÃO GAGO
RUI PERES JORGE

Termina o seu livro escrevendo que “a Caixa é uma das melhores partes do Estado português e um símbolo, raro a todos os títulos, da sua capacidade de se adaptar às necessidades dos tempos”. Porquê?

É relativamente evidente. A Caixa nasceu quase como uma repartição pública e hoje é um banco que concorre com os outros quatro principais bancos no País. Terá, eventualmente, alguns benefícios de ter como dono o Estado, mas fundamentalmente não tem protecção da concorrência.

E por que razão a Caixa mostra que, por vezes, somos demasiados exigentes e críticos relativamente à capacidade de gestão do Estado?

A Caixa é exemplo de que quando o Estado vê mais benefícios do que custos numa boa gestão, segue esse caminho. E essa é uma constante na história da CGD. No século XIX e ao longo do século XX [o Estado] viu mais benefícios do que custos na boa gestão da Caixa. Por uma razão muito simples, e que não se aplica à restante administração pública: a vida da CGD depende da confiança dos depositantes.

Faz um balanço positivo da evolução da CGD. Essa capacidade de evoluir manteve-se nos últimos anos?

Os últimos anos não foram os mais brilhantes no funcionamento da Caixa. Houve problemas no relacionamento com o Governo que, de algum modo, foram diferentes dos registados em períodos anteriores, em que existiram também tensões, nomeadamente na construção da nova sede ou na compra do BNU.

Que conclusões retira da história mais recente?

O modelo de relacionamento entre o Estado e a administração da Caixa deveria ser modificado, deveria haver uma relação menos directa entre Governo e administração.

Defende que mais importante do que a privatização da CGD seria alterar os seus estatutos, nomeadamente na escolha das administrações. Porquê?

O problema central na Caixa não é ela ser pública. Uma parte importante do sistema bancário alemão é pública. A Renault é pública. A BMW também. A Europa tem muitos exemplos de empresas públicas que não estão muito ligadas

a governos. Uma solução possível para a Caixa seria criar uma instituição intermédia entre o Governo e a administração. O Executivo nomearia essa entidade que, por sua vez, nomearia a administração da Caixa e a que ela responderia.

Isso é mais importante que a privatização?

Sim. A privatização pode até levar a que a relação entre o Governo e Caixa se torne mais íntima. A CGD depende do Estado para o seu negócio, pois herdou esse capital de negócios com o Estado, e está bem consolidada nesse segmento. Isso não desaparecerá com a privatização.

Porque diz que os últimos anos não foram os melhores?

Os anos de José Sócrates foram um pouco mais interventivos do que no passado e creio que a responsabilidade está mais do lado do Governo.

Essa maior intervenção está relacionada com a crise económica ou foi essencialmente a forma do Governo olhar para a CGD?

Foi fundamentalmente resultado de mau governo. Houve áreas em que o Governo do PS teve problemas de afirmação. Não é que o PS seja melhor ou pior que o PSD.

